

APRESENTAÇÃO

Apresentamos o primeiro número do volume 11/2023 da Alamedas, revista acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Toledo/PR, destinada à publicação de textos de pós-graduandos em Filosofia. Este número contém variados textos de natureza filosófica que buscam contribuir para o enriquecimento intelectual de todas as pessoas que se interessam por temas ligados à filosofia.

O artigo que abre este número tem como título *A influência do pensamento humanista de Karl Marx na pedagogia do oprimido de Paulo Freire*. Nele, a autora Vanessa Henning escreve sobre a influência do humanismo filosófico de Karl Marx para a construção de uma pedagogia crítica em Paulo Freire, conforme apresentado em sua obra magna *Pedagogia do Oprimido*. A autora pensa a libertação a partir de uma educação crítica que permita que os indivíduos resgatem os potenciais humanos reificados pela sociedade capitalista.

O segundo artigo, intitulado *A verdade como correspondência do real: considerações husserlianas*, busca responder como a ideia de verdade, ao se conformar ao empreendimento científico moderno, torna-se uma questão elementar na fenomenologia de Edmund Husserl. Os autores, Katieli Pereira e Francisco Wiederwild da Silva, desenvolvem, a partir desta indagação, um percurso histórico sobre a questão da verdade na metafísica até a busca da superação desta pela ciência. Através da fenomenologia de Husserl, os autores apresentam certa limitação da ciência em sua noção de verdade.

No artigo de número três, *Apontamentos histórico-políticos do estado de exceção à luz de Giorgio Agamben*, Matheus Maciel Paiva analisa o conceito de estado de exceção segundo esse autor e faz um levantamento dos apontamentos histórico-filosóficos, com a finalidade de compreender tal fenômeno na política moderna. O texto tem como objetivo mostrar a reinterpretação feita por Agamben ao conceito de estado de exceção que o desprende das amarras da Filosofia do Direito e das demarcações jurídico-formais.

O quarto texto, *Deus está morto' e o pós-humano*, nos apresenta uma reflexão sobre o pós-humano frente à tecnologia, partindo da filosofia nietzschiana. Com base na sentença da morte de deus, declarada “pela boca de um louco”, conforme Nietzsche, o homem buscou ocupar o espaço da divindade e para isto utilizou-se da ciência e da tecnologia. No entanto, na reflexão do autor André Faustino, isso não se daria antes da superação da imortalidade humana, abrindo, assim, espaço para emergir da tecnologia computacional um novo ser, o pós-humano.

Em *Eichmann – o paradigma dos conceitos de ‘banalidade do mal’ e ‘vazio de pensamento’ em Arendt*, artigo de número cinco, Robson Silva levanta os problemas de dois conceitos arendtianos que permeiam a figura de Adolf Eichmann a partir de seu julgamento em 1961. Eichmann foi tenente coronel responsável pelas deportações em massa de judeus para campos de concentração. À época, Arendt pôde assistir ao julgamento, tendo sido crucial para a elaboração dos termos banalidade do mal e vazio de pensamento ao constatar que Eichmann não passava de um homem comum que cumpria as ordens às quais era submetido. A constatação foi fundamental para os trabalhos posteriores de Arendt e os conceitos trabalhados neste artigo.

No sexto artigo, *O isolamento na ótica de Gadamer de um viver não solidário*, Suely Lisboa N. Cavalcanti discute o tema do isolamento e da solidão e sua reconfiguração após a pandemia, momento de intensificação do isolamento em nome do bem-estar e da saúde. Partindo da abordagem do filósofo Gadamer e em diálogo com Nietzsche, a autora indica que a solidão, do ponto de vista filosófico, embora possa ser danosa por um lado, pode também ser “forma de experienciar as conexões de vida consigo e com o outro”.

No artigo de número sete, intitulado *É tudo culpa do meu signo: a astrologia como manifestação de má-fé*, a autora, Débora Fátima Gregorin, apresenta uma relação entre a prática da astrologia e o conceito de má-fé proposto por Jean-Paul Sartre. A autora traça o percurso por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre a presença da astrologia na história e dos postulados sartrianos pertinentes ao entendimento do conceito de má-fé.

Encerrando o número da Revista, no oitavo artigo, *Progresso e declínio n’A Riqueza das Nações*, Bruno Cardoni Ruffier analisa a concepção teleológica da história segundo Adam Smith, mostrando que, apesar de a história ser constantemente vista como progressiva, também nela podem-se apurar os diagnósticos e prognósticos de declínio e decadência, tais como são apontados pelo filósofo na sua obra *A Riqueza das Nações*. Com isso, examinam-se as razões encontradas por Smith e que explicam o declínio e a decadência do Império Romano e do Império Espanhol, bem como a possibilidade de estagnação econômica e suas consequências nas sociedades modernas. Tal exame busca entender por que o movimento natural ao progresso é descontínuo, revelando, assim, que o declínio pode acontecer em um sistema histórico progressista.

Desejamos uma excelente leitura e esperamos que este volume possa ser bem aproveitado para o conhecimento de todos os interessados!